vizinhança tensa

vizinhança tensa

kinha

ilustrações de
Mona Shikida

© Editora Moinhos, 2018.
© Kinha Pérez, 2018.

Edição: Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial: Sérgio Ricardo

Revisão, Diagramação e Projeto Gráfico: LiteraturaBr Editorial

Preparação de texto: Maitê Casacchi

Ilustrações: Mona Shikida

Capa: Sérgio Ricardo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

P438v
Perez, Kinha
Vizinhança tensa / Kinha Perez ; ilustrado por Mona Shikida. - Belo Horizonte, MG : Substância, 2018.
108 p. ; 12cm x 18cm.
ISBN: 978-85-45557-59-3
1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Shikida, Mona. II. Título.
2018-1619

CDD 869.8992301
CDU 821.134.3(81)-34

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
Literatura brasileira: Contos 869.8992301
Literatura brasileira: Contos 821.134.3(81)-34

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos
editoramoinhos.com.br | contato@editoramoinhos.com.br

sumário

9 Prefácio... ou A língua da confissão
13 ¿Diez pasos entre qué y qué?
14 Sobre el insomnio, cremas y olores
16 O inverso-do-anti-qualquer-uma ou uma peculiar teoria os conjuntos
18 Señorita Troncoso: horóscopo personalizado
19 Lelya Melódica: horóscopo personalizado
20 Trânsito pessoal
21 Fiesta de disfraces: sketch cibernético-latinoamericano
24 Enquanto isso no cinema...
26 Três comentários tri-viais
27 O cortejo
28 Ir ver ciência
29 Haikai caipira
30 Erasmo Carlos e o Facebook
31 E todas passaram dos 30
33 Primer movimiento: deliciosa impertinencia (Allegro ma non troppo)
35 Segundo movimiento: amor de inodoro (Allegrissimo)
37 Rebequinha, meu des(a)tino
38 Pujança materna
39 Dentrofora
40 Francesca-Furacão
41 Garantía
42 Ecuador
43 Apat(r)ia
44 Por que (no) hablamos de cejas
45 El casi romance entre un corazón de plata y uno de vidrio
48 De los amigos que se van, de la voz que llega
50 Basura, chocolates y ninguna carta de amor
52 Nuevo. De nuevo
53 De pibe a vato: América Latina num suspiro
54 Ela escolheu a realidade das contagens de estoque
56 Coseno
58 Mood

59 Colombia
61 Meta
62 Dilúvio
63 Flujo
64 Fosse
65 Espetáculo
67 Separação
68 La Caja de Pandora
73 Festa de aniversário
74 Já era
75 Sur
76 Previsão de seca
77 Ventura
78 Da fauna de Viveros
79 Singular
80 Amor-maré
82 Ainda sobre o iPod...
83 Tierno
84 Gigante
85 Aos berros no auditório
86 A volta completa
87 Prosa
89 Poeminha pro Fidelix
90 Notas daquele sonho vermelho
92 Sílvio
93 Século XXI, sábado à noite
94 Salvaje
95 Nova era
96 Approach
97 Auto da Compadre Sida (poemário trans)
98 (Fora de) propósito
99 Copia
100 Bálsamo
101 Portuñol
102 Ya
103 Crush
104 Calavera de Knita
105 Body art
106 Junino
107 Re-verso

Este livro só virou livro graças à impiedosa caneta da super Maitê Casacchi, que, com amor e carinho, editou um vendaval de notas soltas e mal escritas e as transformou em texto legível.
Valeu, Maitequinha linda!

E obrigadão, Moninha, pelas ilustrações lindas – e obrigada de coração por incentivar e ser cúmplice das minhas loucuras dos 7 aos 70 anos e além (que alívio que já ficou pra trás o sanduíche de paçoca).

Prefácio... ou A língua da confissão

Não é mole isso de ser estrangeiro. Não falta quem diga que saímos por conta própria, não somos nem da geração do forçoso exílio político e menos fruto do êxodo econômico noventero. Ter saído do Brasil por gosto, para pisar mais firme e entrar de vez na aventura latina não alivia a barra de ser sempre estrangeiro ni tantito. Por mais que me sinta em casa no México, porque fiz daqui meu lar, é impossível afastar a sensação de nunca encaixar, de estar sem pertencer. Como a maldição do quebra-cabeça com cinco peças de canto: feito à medida para a impossibilidade de estar completo. Ou como jogo de coordenação motora fina para bebês, onde cada peça geométrica tridimensional tem que entrar numa fresta específica, mas a criança cisma na combinação impossível. Nada é intuitivo e fluido, todo dia é aprendizado na vida do estrangeiro. Depois de nove anos, o sotaque em espanhol melhorou,

mas ainda é sotaque. Continua sendo o selo indelével na comunicação, essa cicatriz exposta para que qualquer ouvido nativo escarafunche sem dó. Na verdade, aqui e lá: numa viagem de volta a São Paulo, a filhinha do meu primo perguntou por que eu falava tão esquisito. É o sinal mais claro de que, não importa quantos quilômetros se desloque, o seu destino é sempre um limbo linguístico... um sotaque com dois lados, que nem moeda, e um porão onde se esconde grande parte de seu vocabulário natal, transformando 75% do repertório léxico em "coisa".

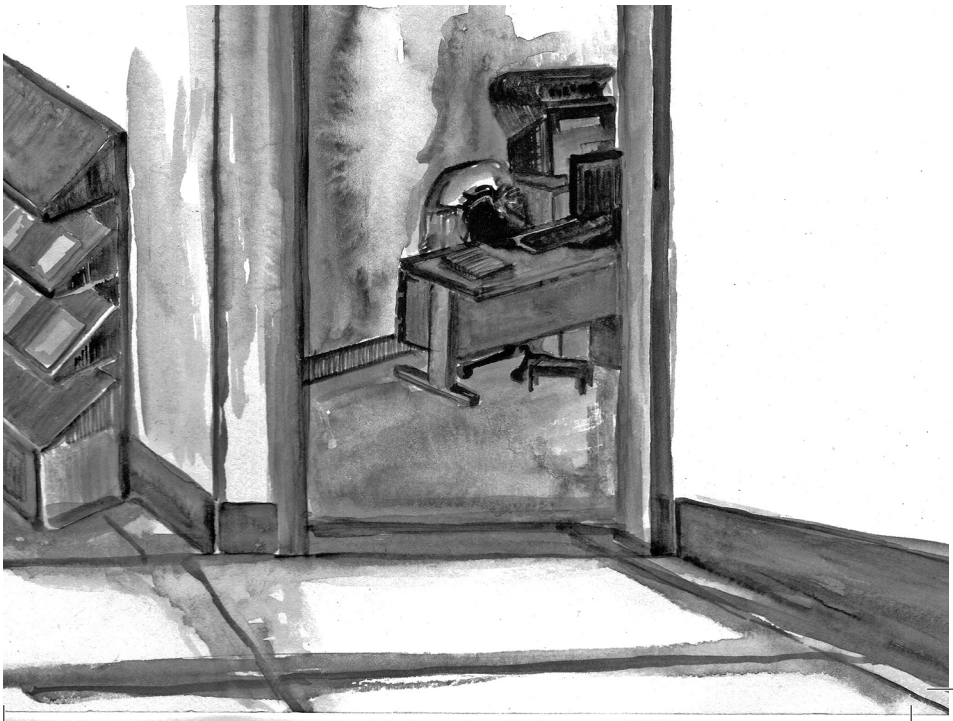
Meu português só sai desse porão em três momentos, e sempre sob forte custódia: a) falar com a família por Skype; b) com os brasucas que vivem na Cidade do México; e c) para escrever desde o íntimo. Dos três, a língua machucada só sai meio imaculada no último. Bem... até mesmo aí fica claro que meu texto não é de alguém que vive em português. As gírias e expressões são de outra época, quando eu ainda não havia buceado em outros mares.

Este livro é quase como um pergaminho dos tempos modernos, dos previstos e imprevistos – desde a terra natal até o autoimposto exílio; um registro da vizinhança tensa entre o português

e o espanhol, que nunca coalharam num bom portunhol. Mais que isso, é uma forma de resistência em solitário. A língua da confissão, da terapia e da raiva é, e sempre será, a materna.

¿Diez pasos entre qué y qué?

Não se sabe se é distância ou profundidade, mas são dez passos. Comprimento e largura se entrelaçam na geometria absurda dos dez passos. O espaço dança incestuosamente com o tempo, e ambos marcam dez passos. Ritmo e melodia se fundem na improvável, instantânea e metronometrada sinfonia que marca cada um dos dez passos. Todo um universo e suas incontáveis galáxias se comprimem e são pisoteados por esses pés que estão em marcha frouxa, reticente, e finalmente parados. Hoje, todo o infinito pode ser medido em dez passos. É esse insensato intervalo-período-distância-comprimento-largura que veta o nosso encontro e encarcera cada uma no seu próprio mundossolidão? Se "a felicidade mora ao lado", certamente ela não contava com ter que superar tão ridiculamente intransponível obstáculo: dez passos que insistem em não levar quem caminha ao lugar em que este gostaria de estar.

Sobre el insomnio, cremas y olores

Casi dos de la mañana y no logro cerrar los ojos. Quiero decir, los cierro, los aprieto fuertísimo, el roce de piedra sobre piedra, y no encuentro el maldito gusano del sueño.
El dulce olor que se desprende de la almohada tarda en ser reconocido por la nariz eternamente constipada. Pinche gripa permanente que emborracha mis sentidos. Sé que no es mi olor, digo, los olores de los hidratantes brasileños (¡riquísimos, por cierto!), ya que una nunca sabe al cierto como huele. Esa es una etapa superior de auto-conocimiento: olfatearse y reconocerse en las ínfimas partículas del perfume de sí.
Nunca he imaginado que de la crema antiarrugas ajena saldría la clave para abrir los herrumbrados portales de la memoria. Ese olor no sale de mi almohada, no viene de las sábanas o cobijas. Está infiltrado en mi cuerpo, gotea su fragancia desde adentro de mí y hace arder la piel del interior a la epidermis. Olor que activa una historia pasada, revive el recuerdo, realimenta una moribunda fantasía. Mierda, esa va a ser una noche larga.